

Jornal de Estudos Psicológicos

Ciência, Filosofia e Religião

Guerras: consequência individual ou coletiva?

A questão 728 de *O Livro dos Espíritos* frequentemente causa estranheza e dúvidas em muitos, ao trazer o apontamento da espiritualidade de que é necessário

desaparecerão por completo do planeta, quando então será compreendida a justiça e o amor de Deus em sua plenitude.

Nessa mesma questão 737, a

nosso eixo de visão para uma realidade otimista ante os flagelos globais da atualidade. Pois, ao contrário do senso comum, o mundo nunca esteve tão bem. Você acredita nisso?

O psicólogo e neurocientista Steven Pinker, da Universidade de Harvard, um dos cientistas mais importantes da atualidade, em seu livro *The Better Angels of our Nature*, revela, através de pesquisa desenvolvida durante 15 anos, que a humanidade, ao longo de sua trajetória, exibiu uma notável tendência à redução do seu comportamento agressivo. Os índices de criminalidade e as taxas de homicídios violentos vêm caindo exponencialmente. Em seu livro, Pinker revela que os genocídios dos anos 1990 a 2000 mataram um décimo comparado àqueles que ocorreram no começo do século 20. O terrorismo era cinco vezes mais comum na Europa nos anos 70 do que hoje. E nunca vivemos um período tão longo de paz entre as grandes potências mundiais. Por fim, formas de violência contra minorias – ataques a negros e homossexuais, por exemplo – também estão em queda nos últimos 50 anos.

Acredite. Existe uma ordenação Divina no Universo que tudo prevê e provê, atendendo às necessidades dos seres que o habitam. Na verdade, o momento grave em que vivemos convida-nos a reafirmar nossa fé e esperança, mesmo que o horizonte se pinte de cinza. Ao dimensionar nossa realidade espiritual, entendemos que hoje não há mais espaço para incertezas e descrenças. Reencarnamos para contribuir com a Nova Era que se aproxima, e o Espiritismo é Jesus de retorno, liberto da cruz, entoando a glória da SOLIDARIEDADE humana.

Davidson Lemela

Neuropsicólogo

que tudo se destrua para renascer e renovar. E uma vez que as mensagens dos espíritos são sempre de otimismo e esperança, em que encontramos lições de fé, amor e fraternidade, como alcançar a finalidade de Deus ao impor à humanidade os flagelos destruidores?

Em outra questão, a 737 do mesmo livro, ao aprofundar o tema, os mensageiros do alto afirmam que *a destruição natural das formas físicas serve para fazer a humanidade progredir*.

Contudo, é importante ressaltar que a destruição natural é diferente da destruição humana. A imperfeição que ainda habita em nós nos impulsiona, muitas vezes, a pôr os desejos materiais acima das necessidades espirituais, o que acaba provocando sentimentos de crueldade e comportamentos destrutivos. Porém, à medida que o Espírito progride e se torna mais espiritualizado, ele reduz seu apego exagerado às coisas materiais e a indigência da destruição se enfraquece. As guerras tornam-se menos frequentes até que um dia

espiritualidade assevera que é necessário ver o fim das coisas para se apreciar os resultados. Quando julgamos do nosso ponto de vista pessoal, denominamos flagelos destruidores por conta dos prejuízos que nos causam. Mas esses transtornos, dizem eles, são frequentemente necessários para fazer com que as coisas cheguem a uma ordem melhor, realizando-se em alguns anos o que necessitaria de muitos séculos.

Quanto aos flagelos humanos, no Cap. VIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, item 11, Kardec traz a nota da espiritualidade ao afirmar que o mal é uma consequência da imperfeição humana, por isso estamos predispostos à sua prática. Mas isso não quer dizer que somos obrigados a praticá-lo. Por mais paradoxo que pareça, o mal ainda precisa existir, uma vez que ele se transforma em uma ferramenta para punir o próprio homem mau.

O Espiritismo é a doutrina do otimismo. Através dos ensinamentos da Doutrina Espírita, aprendemos as lições da fé e esperança, que deslocam



A Crise moral

A palavra "crise", remete a episódio desgastante, complicado; situação de tensão, disputa, conflito.

Se analisarmos o momento existencial no qual vivemos, sob o ponto de vista global, estamos em crise moral. E o total reflete o individual. Desta forma, vivenciamos momentos de crise singular que se projeta no todo,



com suas consequências prejudiciais e infinitamente dolorosas se vistos sob o olhar das aflições humanas.

O filósofo Sêneca, que observava as dores humanas e tratava seus pacientes com o consolo de palavras amigas e confortadoras, seus escritos à Marcia, dama patriciana romana que perdera seus filhos e pai para as guerras de Roma, enaltece a capacidade do ser humano de aceitação dos desafios existenciais sem desespero e sem desequilíbrios emocionais.

O fato de buscarmos o equilíbrio para as crises que a vida apresenta é um fator necessário à garantia de bem viver, apesar das aflições que surgem à margem da vida.

A palavra grega *krisis* era usada pelos médicos antigos com um sentido particular. Quando o doente, depois de medicado, entrava em crise, era sinal de que haveria um desfecho: a cura ou a morte. Neste aspecto, crise significa separação, decisão, definição.

A palavra crise chegou ao idioma português no século XVIII, a princípio no vocabulário da medicina, para designar o momento na evolução de uma doença em que ela se define entre o agravamento e a morte, ou a cura e a vida. O vocábulo vinha do latim *crisis*, "momento decisivo", decalque do grego *krisis*.

Contudo, sob o ponto de vista moral, vivemos um momento de crise de valores, muitos relegados ao plano das religiões e, portanto, não aceitos por todos, e outros como simples postura ético-profissional nem sempre acatados ou praticados de forma plena.

De qualquer forma, valores e virtudes não praticados conduzem ao vazio existencial, e talvez estejamos vivendo momentos de um total esvaziamento de valores que, conducentes ao bem estar de cada ser quando bem vividos, nos levam à degeneração de costumes, às agressões, à morte. Precisamos urgentemente voltar a valorizar a Vida e seus preceitos.

Sônia Theodoro da Silva

Filósofa

Como amar em tempos de guerra?

Quais os tempos de guerra? Contextos históricos em que países lutam uns contra os outros? Disputas acirradas entre povos?

Na questão 743, de *O Livro dos Espíritos*, tem-se: "Da face da Terra, algum dia, a guerra desaparecerá?" A resposta dos Luminares Espirituais é que "sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a Lei de Deus", e complementam: "nessa época, todos os povos serão irmãos".

Assim, à medida que compreende Deus e as Suas leis, o ser humano diminui a sua belicosidade e gradativamente caminha ao encontro de si mesmo, encontrando o outro no exercício da fraternidade e aprendendo a vivenciar o maior dos sentimentos: o amor.

Jesus ensinou o caminho: Amor e amar. Substantivo e verbo. Sentimento e prática. Internalizar e exteriorizar. Ser e viver.

Como? Fazendo ao outro o que gostaria que o outro lhe fizesse. Diante da dor, da traição, da incompreensão, da falha, o que seria ideal receber a fim de se sentir melhor, renovado e reerguido? Misericórdia? Amor? Diz Jesus: "Faze isso e viverás!".

Portanto, em tempos de guerras exteriores, que são tempos ainda de egoísmo e de orgulho, de transbordamento das paixões, o indicativo é a oração e a vigilância, o exercício diário para acalmar, educar, confortar, advertir, auxiliar, compreender, não julgar, salvar, perdoar, cuidar..., é simplesmente amar, pacificando o mundo íntimo e, por consequência, apaziguando tudo ao redor.

Lusiane Bahia

Advogada



Expediente

Jornalista

Rita de Cássia Escobar

Edição

Evanise M Zwirtes

Colaboração

Maria Angélica de Mattos - Revisora
Cintia C. Dos Santos - Tradução Inglês
Karen Dittich - Tradução Alemão
Hannelore P. Ribeiro - Tradução Alemão
Clarivel D. Gimenez - Tradução Espanhol
Nicola P. Colameo - Tradução Italiano
Gareth Mann - Tradução Francês
Seweryna Akpabio-klementowska -
Tłumaczenie na język polski

Reportagem

Davidson Lemela
Sonia Theodoro da Silva
Lusiane Bahia
Cláudio Sinoti
Sérgio Thiesen
Iris Sinoti

Design Gráfico

Evanise M Zwirtes

Reuniões de Estudos (Em Português)

Sábados: 05.00pm - 07.00pm
Domingos: 08.00pm - 09.30pm
Segundas: 08.00pm - 09.30pm
Quartas: 08.00pm - 09.30pm

Reunião de Estudo (Em Inglês)

Quartas: 06.00pm - 07.00pm

BISHOP CREIGHTON HOUSE
378, Lillie Road - SW6 7PH - London
Informações: +44 0778484 0671
E-mail: spiritistps@gmail.com
www.spiritistps.org
Registered Charity Nº 1137238
Registered Company Nº 07280490

Ditadores da atualidade

De tempos em tempos a humanidade se depara com ditadores cruéis que exacerbam sua sede de poder, subjogando e dominando povos, espalhando temores e inseguranças. E muitos ficam a se perguntar como isso ainda é possível se já possuímos tantos avanços e conhecimentos. No entanto, ter informações e teorias não significa necessariamente ter consciência. A consciência é construção íntima, que embora possa receber auxílios e estímulos, somente se desenvolve quando o ser se resolve por tal.

Isso acontece tanto no indivíduo quanto na coletividade. Fosse outro o nível de consciência coletiva, não haveria mais espaço para representantes ditatoriais.

Assim sendo, temos que nos questionar quais partes do nosso ser ainda se comportam de maneira ditatorial para que esta realidade psíquica se estabeleça também externamente. Nesse campo nos deparamos com a ditadura do ego, que impõe desejos e passa a enxergá-los na condição de necessidades. A antiga dicotomia entre Ter e Ser, na Modernidade Líquida acrescenta o elemento "Parecer". A "Ditadura" do parecer impõe aos seus escravos a "necessidade" de construir uma máscara social que se adéque ao sucesso almejado, ao reconhecimento pretendido, despreocupada com o desenvolvimento das virtudes, desde que isso gere projeção e fama.

Mas como bem estabeleceu Jung, o oposto do Poder é o Amor. Somente quando desenvolvermos o amor em plenitude, iniciando pelo autoamor, estaremos ruindo com os processos ditatoriais, iniciando pelos que nos subjogam internamente.

Cláudio Sinoti

Terapeuta Junguiano

Guerras – presença ou ausência de Deus?

A Humanidade, em pleno século 21, vem a ser surpreendida pela notícia de uma guerra devastadora na Ucrânia, invadida pela Rússia. Milhares de vítimas mostrando-nos

no grande futuro.

Deus, a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas, nada tem a ver com essa triste e penosa condição humana atual.



como a civilização atual é ainda imperfeita e vulnerável ao sofrimento imposto pela violência da criatura humana contra seus irmãos. Essa e outras manifestações recentes da nossa História, no Afeganistão, Iraque, Síria, Yemen, Etiópia, Myanmar e outros, denotam o quanto ainda temos de primitividade, apesar de sermos considerados um mundo de provas e expiações.

O Universo é todo ele divino na sua origem. São incontáveis os mundos, planetas e estrelas, galáxias e conglomerados galácticos, e as suas Humanidades estão em diferentes estágios evolutivos no rumo para a perfeição sideral. Na Terra, somos um conjunto heterogêneo de espíritos humanos, e boa parte caracterizados por más inclinações e vivendo vidas sucessivas em que o orgulho e o egoísmo, a indiferença e a ambição resultantes da ignorância e do materialismo nos levam, por milênios, às guerras e seus decorrentes prejuízos a se estenderem na esteira do tempo. Nunca tivemos cem anos de paz. Tudo isso é a mais forte evidência da ausência de Deus em nossas almas ou espíritos, mostrando-nos quão distantes estamos ainda da plenitude do amor a ser vivido ampla e profundamente por todos,

Somos todos seus filhos, rebeldes ainda, divinos na origem, mas confinados aqui pela Sua Misericórdia, até que saibamos viver felizes, adquirindo as virtudes morais e alcançando a essência do Criador em nós.

E para isso deve o homem elevar-se acima da matéria e compreender que, como Espíritos encarnados ou desencarnados, a única coisa que realmente importa é o progresso a ser realizado, a divinização pessoal e coletiva. E nisso o Espiritismo tem um papel fundamental a nos mostrar, como ciência, a realidade e a nos revelar, como Evangelho redivivo, as bases da pedagogia do amor a favor de todos.

Sérgio Thiesen

Médico Cardiologista, Físico





O desarmamento íntimo

Observando o momento atual da humanidade, ficamos a nos perguntar o porquê de tantas guerras, divisões e conflitos, dado os avanços que já conquistamos em algumas áreas do conhecimento, os quais deveriam ser acompanhados de uma conduta mais consciente e saudável por parte dos indivíduos.

No entanto, como bem observou Carl Gustav Jung, o ser humano está longe de ser um todo unificado, um "eu" sem rupturas, funcionando muitas vezes tal qual um sistema de compartimentos cujas partes não se comunicam da melhor forma. Isso favorece o estabelecimento de conflitos de ordem íntima que, quando não equacionados devidamente, passam a fazer parte do campo de relações do indivíduo.

Parte significativa desse processo se dá pelo desconhecimento da *Sombra*. A *Sombra*, enquanto aspecto psicológico, é a parte desconhecida ou negada pelo indivíduo, a qual encontra resistências por parte do ego para ser integrada na consciência. O próprio Paulo de Tarso a reconheceu, quando fez a seguinte constatação: "Por que não faço o bem que eu quero, mas o mal que não quero, esse faço." (Romanos,7:19). Reconhecia ele que, nada obstante haver uma vontade do bem na consciência, havia uma outra parte em seu ser que o levava a realizar o indesejado. Mas se a meta é nos tornarmos plenos, torna-se necessário desenvolver e aprimorar todos os aspectos do nosso ser. Enquanto houver alguma parte "negada", há espaço para conflitos e dissensões.

Também os complexos terminam por dificultar o "desarmamento íntimo", por trazer ao campo da consciência emoções perturbadoras, com as quais o ser sente dificuldade em lidar. As personalidades mais fragilizadas sentem dificuldades em enfrentar certas circunstâncias, especialmente quando tiveram vivências traumáticas. Os complexos, quando agem negativamente, geram desconforto ao ego, levando o indivíduo a reagir em vez de agir, produzindo ainda mais perturbações ao redor.

Nesse processo de pacificação íntima, para que o indivíduo se desarme se faz fundamental a jornada interior ao encontro de si mesmo, porquanto "o encontro com aquilo que acreditamos ser as nossas piores características é o caminho de acesso ao que possuímos de melhor. Enfrentar o nosso 'mal' é uma forma efetiva de melhorar a humanidade. É preciso compreender que, para sermos 'perfeitos', não podemos viver parcialmente. Sendo a sombra parte da personalidade, somente integrando-a poderemos chegar à totalidade." (Iris e Claudio Sinoti, *Ao encontro de si mesmo*, Intelitera,2022).

A negação da *sombra* termina fazendo com que muitas das dores e conflitos de ordem interna sejam projetados fora, em outras pessoas e circunstâncias. Para que o conflito seja pacificado, necessário se faz recolher esse material projetado, reconhecendo como próprias todas essas características negadas. Após a aceitação, há uma longa jornada de desidentificação com os fatores conflitivos, assim como a

necessária construção de habilidades e virtudes para ao menos administrar a forma de lidar com os conflitos.

É urgente a necessidade de tomarmos consciência da realidade que somos, começarmos a realizar o trabalho que nos foi destinado, aceitar e reconhecer a realidade que estamos inseridos e que ajudamos a construir. Nada resolve reclamarmos de que não existe empatia entre as pessoas, que a comunicação não existe, que o mundo está violento, que precisamos de Deus no coração etc., se não nos concentramos no que realmente importa; se ainda somos guiados e guiados apenas pelos desejos egóicos, tudo o que fazemos é um truque da nossa persona, sem adentrar na essência do que somos.

Cumprir o propósito de nos tornarmos verdadeiramente seres humanos, ser efetivamente uma manifestação de Deus para si e para o planeta, trilhar o caminho da humanização de nossos seres nos leva ao necessário aprendizado e aprimoramento do olhar para reconhecermos os contornos de Deus nas diversas faces humanas. Enquanto o olhar for apenas para fora, nossos olhos só perceberão as diferenças e, assim como Narciso, procuraremos nos outros nossas faces e viveremos relações atrofiadas e destituídas de amor. Quando nos comprometermos efetivamente com o autoencontro, estaremos contribuindo de forma efetiva para o desarmamento íntimo.

Iris Sinoti

Terapeuta Junguiana